



PROTAGONISMO DISCENTE E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO ¹

Elza da Costa Castilho²

Cláudia Regina Paese³

RESUMO Este estudo teve como objetivo identificar situações que detectam a resistência do docente à mudança progressista e a novas metodologias. A pesquisa foi feita com base em estudo bibliográfico e questionário aplicado aos professores. Constatou-se que alguns professores resistem à mudança progressista, por medo, comodismo, falta de capacitação, excesso de carga horária. Nesta perspectiva é preciso redefinir o papel do professor, para que não seja apenas um transmissor de informações e sim um profissional atuante capaz de modificar opiniões.

Palavras Chave: Protagonismo docente; Inovação na educação; Resistência.

ABSTRACT This study aimed to identify situations that detect the resistance of teachers to progressive change and new methodologies. The research was based on literature research and questionnaire applied to teachers. It was found that some teachers resist progressive change for fear, laziness, lack of training, excessive workload. In this perspective it is necessary to redefine the role of the teacher, so it is not just a transmitter of information but an acting professional able to modify opinions.

Key - words: Teaching role; Innovation in education; Resistance.

Introdução

A experiência vivenciada na ação docente possibilitou-nos o contato com várias disciplinas. Esta aproximação proporcionou a observação das relações dos professores e alunos, bem como de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

¹ Este artigo é resultado de algumas discussões constantes na Dissertação de Mestrado “A Resistência do Docente a Mudança Progressista no Ensino Médio” (maio de 2001), defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências em Educação, na Universidad Central Marta Abreu de Las Villas-Santa Clara- Cuba.

²Possui graduação em Pedagogia e Licenciatura Plena em Sociologia. Universidade Federal de Mato Grosso e mestrado em Educação pela Universidad Central Marta Abreu de Las Villas – Santa Clara/ Cuba. É Professora do Centro Universitário Cândido Rondon Unirondon/Cuiabá/MT.

³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1996) e mestrado em Política Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (2011). É professora do Centro Universitário Cândido Rondon (Unirondon)/Cuiabá/MT. É membro do Grupo de Estudos Político-Sociais – POLITIZA – UNB.

Neste contexto, o desafio que se apresenta para o professor é o de incentivar e auxiliar os docentes a superar suas limitações e recuperar a competência formal e política.

A educação deve constituir-se em processo que visa à formação e ao desenvolvimento do indivíduo em todos os aspectos da sua natureza, de acordo com a sua realidade e com o atendimento de todas as suas necessidades individuais e sociais. Acredita-se, portanto, que o paradigma progressista se constitui na melhor opção para que esse processo possa ser desencadeado, pois a escola apresenta-se como um espaço de desenvolvimento e crescimento, compreendendo que o professor deve crescer junto com o aluno, sem que ele se coloque como o dono do saber. O professor deve desempenhar, entre outros, o papel de provocador de transformações, levando o aluno a compreender as necessidades sociais. Entretanto, neste paradigma, o papel do professor vai mais longe. Por isso, sua formação deve contemplar os aspectos sociais da vida humana, suas necessidades e o respeito pela cultura popular. Nota-se, porém, que a prática pedagógica atual fica longe desta necessária aspiração.

Os professores, parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, têm sob sua responsabilidade a função de contribuir para o encaminhamento das atividades pedagógicas, de forma criativa, desenvolvida dentro e fora da sala de aula. Acredita-se que, partindo dessas abordagens, é possível tornar o ensino uma totalidade, tendo como alvo o homem concreto.

À medida que a educação torna-se mola propulsora das sociedades contemporâneas, faz-se necessário repensar sua prática nas instituições de ensino. O aluno deve adquirir sensibilidade para identificar as relações que existem entre os conteúdos do ensino e das situações de aprendizagem com os contextos da vida social. A educação e o ensino são parte do contexto social e, como esse contexto é dinâmico, a educação também o é. Por isso, o professor precisa estar sempre se atualizando.

Os educadores conscientes da ação que praticam e do papel que desempenham não se contentam com a rotina pedagógica e os hábitos escolares estruturados. Querem saber mais, conhecer o que há de novo na sua área, para refletir sobre as novas práticas educativas. Para que tudo isso seja possível é preciso tomar certas medidas:

[...] que os professores sejam desafiados a buscar inovações na ação pedagógica e na produção do conhecimento, para que possam atender, com competência, às necessidades dos seus alunos. (PERRENOUD, 2000, p. 14).

É preciso manter uma reflexão permanente e sistemática sobre a educação para favorecer uma prática consciente e intencional em relação ao compromisso com a transformação social e o desenvolvimento do homem. As mudanças no ensino se fazem necessárias há anos. Na educação, nada é imediato, os resultados são a médio e longo prazo, porém, não se pode continuar paralisados.

A excelência do ensino deve ser objetivo permanente de qualquer instituição educativa para que, durante o curso, o aluno adquira abertura e sensibilidade para identificar as relações que existem entre os conteúdos do ensino e das situações de aprendizagem com os contextos de vida social e pessoal, de modo a estabelecer uma relação ativa entre si e o objeto do conhecimento.

O ensino deverá ser capaz de constituir competências, habilidades e disposições de condutas e não de simplesmente saturar o aluno de informação. A sociedade exige mais qualidade no ensino. O que vemos de interessante é que, ela pede a participação de diversos segmentos da sociedade tanto na elaboração como na sua aplicação. Quando as mudanças são propostas, há possíveis resistências por alguns professores, às vezes por falta de preparo ou por dificuldades de adaptação.

O grande desafio imposto ao Ensino vem sendo as exigências de exercício competente que atenda as necessidades do aluno. O que se espera da instituição é que contribua com a construção de uma juventude que pensa, sinta e atribua valores como indivíduos criativos e produtivos, possuidores de um sentido de valor pessoal, interessados na condição de homem, capazes de antecipar o futuro e de crer que haverá um lugar para eles.

Perrenoud (1997) argumenta que toda situação didática proposta ou imposta de maneira uniforme a todos os alunos será fatalmente inadequada para um grupo deles. Para alguns, fácil demais, para outros difícil demais. Mesmo que a situação esteja adequada ao nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos, ela pode parecer sem sentido para uns, sem

valor ou sem interesse para outros, a ponto de não engendrar nenhuma atividade intelectual notável e, portanto, não promover a construção de conhecimentos novos. Daí a importância do ensino diferenciado. Diferenciar o ensino, diz Perrenoud (1995, p. 28),

[...] é organizar as interações e atividades, de modo que cada aluno se defronte constantemente com situações didáticas que lhes sejam mais fecundas [...] Isto pode ocorrer por meio de atividades desafiadoras.

A diferenciação não desconhece a força do grupo como oportunidade de educação mútua e de aprendizagem. Ao contrário, o professor deve, como animador, ajudar o grupo a construir a sua identidade coletiva, a aprender a trabalhar cooperativamente, a tomar consciência de suas diferenças e desigualdades e a agir de acordo com elas.

A preocupação de conseguir a melhoria da atual situação educacional implica na necessidade de acabar com a resistência do professor à mudança progressista. Para superar esse desafio sente-se a necessidade de articular as ações docentes com novas metodologias, que propiciem participação dialógica, coletiva, inovadora e crítica.

Assim como Demo (1997), acreditamos que o grande problema da alfabetização é o alfabetizador. O problema central está na formação original deficiente. A educação pela pesquisa supõe um processo de permanente recuperação da competência no professor. O educar pela pesquisa propõe uma modificação na forma do educar, considerando importante a participação do aluno no processo de aprendizagem, incentivando-o através da realização de projetos e trabalhos de pesquisa desenvolvidos em sala de aula. Competência exige sua recuperação constante, porque é da lógica do conhecimento inovador. Todas as profissões mais ligadas ao desafio da qualidade humana envelhecem rapidamente, porque dependem da capacidade inovadora.

Segundo Capra (1996), os professores estão sendo desafiados a ultrapassar um ensino assentado na reprodução do conhecimento, para o da produção do conhecimento. Atualmente, observa-se que, com os avanços tecnológicos, o aluno tem acesso à mais variada e atualizada gama de informações. Partindo desta premissa, constata-se muitas vezes, a existência, em sala de aula, de alunos com referencial mais atualizado que o professor. Este

fato tem desafiado os professores na busca da elaboração de uma concepção de ensino e de metodologias inovadoras.

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, etc. “É evidente que o progresso das tecnologias oferece novos campos de desenvolvimento a essas competências fundamentais [...]”, Perrenoud (1998). E, sem dúvida, aumenta o alcance das desigualdades nas relações sociais, da informação e do mundo.

Se os professores perguntassem a si mesmos se estariam dispostos a estudar matérias ou praticar tarefas que não pudessem relacionar com a sua própria vida, a resposta seria um sonoro não. Poucos professores destinariam, de boa vontade, certo tempo por dia, para sentar diante de uma escrivaninha e trabalhar em busca de uma metodologia inovadora.

São grandes os desafios que a educação nos reserva e é fundamental entender as transformações pelas quais o mundo está passando, principalmente para quem tem a missão de educar. Afinal, hoje não basta ao professor repassar informações para seus alunos, é preciso prepará-los para agir como cidadãos e interferir de modo ativo na sua comunidade.

No cotidiano escolar, pode-se constatar que é comum a resistência do docente em perceber a necessidade de mudar. As atitudes dos professores perante a mudança dos sistemas de ensino não diferem muito das atitudes gerais do ser humano face à mudança social acelerada; os professores enfrentam uma crise de identidade.

Objetivo

Este trabalho tem como objetivo identificar situações que detectam a resistência do docente às mudanças progressistas e as novas metodologias, que possam melhorar a qualidade do seu trabalho. A tendência progressista contempla um aluno concreto que o leva a refletir criticamente sobre sua realidade. Hoje os desafios surgem instantânea e inesperadamente. Não se pode, portanto, negar que mudanças são necessárias tanto para professores quanto para alunos, devendo acompanhá-las para interferir na realidade estabelecida.

Para tanto, o professor deve desempenhar o papel de provocador, pois há, na prática pedagógica, um grande comodismo frente à situação vigente nas escolas. É preciso um professor inovador que contemple essas necessidades educacionais.

Para aprender não basta que o aluno participe na definição dos objetivos e no planejamento das atividades se estes objetivos e atividades não representam, em primeiro lugar, desafios que o ajudem a avançar e, em segundo, se não são metas a seu alcance.

Será necessário provocar desafios que questionem os conhecimentos prévios e possibilitem as modificações necessárias na direção desejada segundo os objetivos educacionais estabelecidos. Isto quer dizer que o ensino não deve se limitar ao que o aluno já sabe, mas a partir deste conhecimento conduzi-lo à aprendizagem de novos conhecimentos, ao domínio de novas habilidades e à mudança de comportamentos já existentes, pondo-o em situações que o incentive a realizar um esforço de compreensão e trabalho para melhoria de qualidade de vida.

A elaboração do conhecimento exige o envolvimento pessoal, tempo e o esforço dos alunos, assim como a ajuda especializada, estímulos e afeto por parte dos professores e dos demais colegas; ajuda pedagógica no processo de crescimento e construção do aluno para incentivar os progressos e superar os obstáculos que por ventura encontrar.

Metodologia

Com a visão de que o professor precisa ser crítico e reflexivo sobre a sua própria prática, optou-se por realizar uma pesquisa com os coordenadores de duas escolas particulares e duas estaduais sobre a resistência dos professores à mudança progressista. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que lançamos mão de narrativa escrita e oral para a coleta de dados, com professores das Escolas Estaduais André Avelino Ribeiro, bairro CPA I, e Escola Estadual Pe. João Panarotto, bairro CPA IV, Colégio Coração de Jesus, bairro Centro, e Colégio Salesiano Santo Antônio, bairro Coxipó, composto de quinze questões objetivas para conhecer os fatores que interferem na mudança progressista.

A mudança progressista contemplada nesta pesquisa redundará na formação de profissionais engajados na preocupação de produzir novos saberes em um processo dinâmico,

no qual o aluno possa vir a ser o sujeito histórico e cultural de uma sociedade que necessita cada vez mais de educadores ousados, desafiadores e inovadores na sua prática pedagógica.

O papel do professor neste movimento é o de provocar novas experiências de ensino, instigar o aprendizado e o prazer no uso do intelecto, provocando parceria e posicionamento de reflexão crítica com seus alunos, como uma atitude cotidiana. A revitalização do seu papel demanda a busca de caminhos coletivos para recuperar sua competência

É necessário reconhecer que o docente torna-se essencial na construção de projetos pedagógicos próprios que provoquem a superação da reprodução e busquem a produção do conhecimento.

A profissionalização é uma transformação estrutural que ninguém pode dominar sozinho. Por isso, não se decreta, mesmo que as leis, os estatutos, as políticas da educação possam facilitar ou frear o processo. No mundo em que vivemos, não é ilegítimo que os referenciais de competências sejam também instrumento de controle. A escola vem de uma tradição segundo a qual a formação contínua é gerida pelo Estado ou pelo poder organizado.

Não pode haver nenhum avanço sem que haja uma representação partilhada das competências profissionais que estão no centro das qualificações, por aqueles que convém manter e desenvolver e das quais os profissionais devem prestar contas. Ajudar a formular e a estabilizar uma visão clara do ofício e das competências é uma das principais funções-subestimada- dos referenciais de competências. “Eles não são, portando, instrumentos reservados aos especialistas, mas meios para os profissionais constituírem uma identidade coletiva.” (PERRENOUD, 2000, p. 158).

Genericamente, pode-se constatar que a educação brasileira tem sido marcada pelas tendências liberais, ora conservadoras ora renovadoras, e tais tendências se manifestam nas práticas escolares e no ideário pedagógico dos professores.

Assim sendo, é possível afirmar que a escola tem por função a preparação do homem para o desempenho de papéis sociais, conforme suas aptidões individuais e adaptação às normas vigentes na sociedade e no desenvolvimento da cultura individual, não levando em conta a desigualdade de condições.

Para que essa visão emancipadora da escola seja atingida pela população, há necessidade de considerar o acesso ao conhecimento pelas camadas populares. O avanço nesse processo de transformação da sociedade depende da inovação. Geralmente se estima que ambas estão relacionadas, que a inovação supõe o conflito. Sem obstáculos, este pode ser entendido como um processo de transformação e melhoramento sempre que sua força é utilizada na direção correta.

A prática pedagógica deve conduzir o aluno a um desenvolvimento constante, levando-o a compreender que tudo na vida está ligado a todos os outros seres que habitam este planeta. O paradigma progressista contempla uma prática pedagógica que propõe uma escola como um local de problematização para compreensão do real, onde os conteúdos são abertos às realidades sociais, interligados e com significação humana e social.

Resultados e discussão

Na concepção progressista, o professor que compreende a realidade do aluno está realmente interessado neste e em seu desenvolvimento. Por sua vez, o aluno, sentindo-se participante de sua própria formação e entendendo o conteúdo que faz parte dela, numa relação dialógica, desenvolverá mais facilmente o senso crítico, que irá permitir sua efetiva participação e compreensão do mundo, conseguindo então, fugir da mediocridade.

O que se percebe atualmente na prática pedagógica é um grande comodismo frente à situação vigente nas escolas. É na tentativa de modificar este cenário que se busca enfatizar a importância da figura do professor. Não daquele professor subjugado por concepções e abordagens ultrapassadas ou tendências conservadoras que propõem conteúdos e metodologias que continuam produzindo indivíduos sem senso crítico, muitas vezes seguidor das ideologias do professor, por desconhecerem outras. Faz-se necessária a presença de um professor inovador que venha atender às necessidades da educação vigente.

Para o desenvolvimento de qualquer trabalho com vistas à excelência na educação, é preciso provocar um repensar da prática pedagógica que os docentes vêm oferecendo aos alunos: os protagonistas deste processo inovador, professores e alunos, precisam ultrapassar a

reprodução do conhecimento para produzir conhecimento significativo, preferencialmente em uma proposta de trabalho coletivo.

A formação do professor necessita de um projeto político-pedagógico coerente, integrado e articulado com os interesses do progresso social. Nesta formação, tanto o conhecimento técnico quanto a prática precisam estar identificados com a realidade histórico-social do povo e comprometidos com a transformação social.

Denunciar a má formação do professor hoje é lugar comum. Porém, não se pode esquecer que a má qualidade na formação deste trabalhador em educação é uma das facetas do problema educacional no país. Existem determinantes sociais, econômicos e políticos que se inserem de forma incisiva no setor educacional e que determina o produto do sistema público de educação considerado de baixa produtividade e de má qualidade.

Conceber a mudança na educação como uma espécie de tecnologia social é, pouco realista, nas condições atuais. Mesmo nos períodos de evolução social acelerada, as escolas se transformam muito devagar e devem, em geral, sofrer fortes pressões externas para modificar suas práticas. A sociedade criou instituições como as escolas a fim de assegurar a continuidade social e contratou profissionais para nela trabalharem. Estes profissionais tendem a resistir à novidade e a tomar com menos frequência a iniciativa de utilizar novos métodos ou práticas do que os profissionais de outros setores. As reformas são igualmente entravadas pela ausência de pessoas que desempenham o papel de “agentes da transformação” e pela falta de informação sobre novas possibilidades.

Portanto, cabe então ao professor não mais o lugar de dono da verdade absoluta, mas o de interlocutor privilegiado, que incita, questiona e provoca reflexões.

A consciência do professor sobre a necessidade de mudanças deverá constituir-se no primeiro passo da sua formação. Porém, há fatores que dificultam essa conscientização; pode-se destacar: falta de domínio do conteúdo a ser pesquisado, medo de inovar, insegurança frente às metodologias, comodismo, desconhecimentos das técnicas de pesquisa, profissionais produto de uma formação extremamente tradicional que não estão comprometidos com inovações, má remuneração salarial, dentre outras.

As inovações raramente são instauradas por méritos próprios. Na educação, a mudança raramente se refere a objetos, com mais frequência diz respeito a pessoas, as quais se pede que modifiquem seu modo de ver as coisas bem como seus hábitos nas relações que entretêm com as crianças e com os adultos. A sociedade, no limiar do 3º Milênio, deseja ser contemplada com homens e profissionais críticos, criativos e abertos que contribuam com o desenvolvimento das realidades sociais pelos de seus saberes, como postula Freire:

É necessário que a comunidade educacional reflita sobre a necessidade de que seus alunos, além de compreenderem conceitos, princípios e fenômenos complexos e de transmitir pelos diferentes campos do saber, desenvolvam procedimentos, valores e atitudes considerados imprescindíveis no contexto atual. É preciso que aprendam valorizar os conhecimentos e os bens culturais e ter acesso a eles automaticamente, que aprendam a selecionar o que relevante, investigar, questionar e pesquisar, a construir hipóteses, compreender, raciocinar logicamente, a comparar, estabelecer noções, inferir e generalizar, adquirir confiança na própria capacidade de pensar e encontrar soluções. Além disso, devem aprender a relativizar, confrontar e respeitar diferentes pontos de vista, discutir divergências, exercitar o pensamento crítico e reflexivo. (FREIRE, 1986, p. 66).

Precisam saber ler criticamente diferentes tipos de textos, utilizar diferentes recursos tecnológicos, expressar-se em várias linguagens, opinar, enfrentar desafios, agir de forma autônoma. E precisam, também, aprender a diferenciar o espaço público do espaço privado, ser solidários, conviver com a diversidade e repudiar qualquer tipo de discriminação e injustiça. (Documento preliminar do MEC, dez/1997, Mimeo).

O processo de reflexão exige uma predisposição a um questionamento crítico de intervenção educativa e uma análise da prática na perspectiva de seus pensamentos. Para tal, a formação continuada deverá se estender às capacidades e atitudes e a problematização de valores e de concepção da cada professor, diminuindo com isto, a resistência à mudança, uma vez que está ligada a um projeto que necessita de tomadas de decisões e reflexões compartilhadas.

Definitivamente, a chave desta renovação, continua recaindo na qualificação permanente do corpo docente, que funciona como elemento articulador de novas práticas

pedagógicas que instigam os alunos a se tornarem talentosos e produtivos e na valorização do indivíduo como ser presente e atuante na sociedade na qual está inserido.

O professor inovador busca valorizar a produção própria, dinamizar o espaço escolar com experiências vivenciadas, impulsionando o uso da biblioteca, videotecas, internet e laboratórios, para que os alunos pesquisem, estudem, discutam, criem e saibam defender suas idéias e seus projetos.

Metodologias calcadas na criatividade em sala de aula farão o aluno ter como desafio ações diferenciadas, como saber pensar, aprender a aprender apropriar-se dos conhecimentos disponíveis pelos múltiplos recursos inovadores e adquirir competências, crítica e criatividade para produzir novos conhecimentos. Na sociedade do conhecimento a renovação e a transformação são muito rápidas e os estudantes precisam estar conscientes de que não existe terminalidade na aprendizagem, pois deverá ser contínua e ininterrupta.

É preciso capacitar a escola e os professores para desempenharem com sucesso a tarefa de ensino-aprendizagem. Medidas de política educacional, decreto ou norma poderão reverter as expectativas negativas da escola e dos professores diante de competência técnica que leve ao sucesso e prove, aos que não sabem ensinar que todas as crianças são ensináveis, desde que o trabalho didático-pedagógico seja feito com adequação às suas características e necessidade.

É necessária uma preparação adequada aos docentes do ensino. Sem a participação efetiva do professor, a transformação social vai ficar no papel, pois o conhecimento deve ser experimentado pelo aluno e não apenas recebido por ele. O conhecimento precisa ser contextualizado, porque é o recurso que a escola tem para tirar o aluno da condição de espectador passivo.

Os resultados obtidos nesta pesquisa permitem as seguintes conclusões: As modificações na sociedade e na educação exigem que os meios e modos de estudá-las se modifiquem também. Através da pesquisa devem-se criar novas alternativas para a prática profissional, uma metodologia assentada em um ensino com pesquisa, numa abordagem progressista, tornando-se relevante para a formação do profissional que a sociedade hoje exige. E para que isso aconteça, o professor precisa se qualificar, não ser acomodado e que

não haja resistência à mudança progressista. Para se obter um resultado satisfatório e sucesso na educação é preciso resgatar a auto-estima do professor, pois, culpá-lo, até hoje não trouxe qualquer mudança relevante. O professor é prejudicado pelo sistema, seja em termos de formação insatisfatória, desvalorização salarial flagrante e muitas vezes social.

É preciso rever, radical e progressivamente, o papel do professor na sociedade. A desvalorização progressiva da figura do professor atinge o docente como pessoa, mas determina o futuro dos cidadãos que estão presentes no processo da escolaridade e que precisam ser instrumentalizados para ultrapassar os problemas do cotidiano, enfrentá-los e resolvê-los com iniciativa, liberdade e criatividade.

A resistência do educador em romper com o antigo torna-o dificultador de novas mudanças no ensino, evitam a capacitação continuada por acreditarem que sua “bagagem” teórica seja suficiente para desenvolver satisfatoriamente o seu trabalho.

Os cursos de qualificação oferecidos pelas instituições de ensino raras vezes atingem as dificuldades de aplicação metodológica do professor, eles participam dos cursos de capacitação, mas nem sempre têm interesse na capacitação, mesmo em sua aplicação na prática educacional.

Considerações finais

Vimos que o professor não tem interesse em pôr a sua formação em prática se esta lhe complicar a vida, lhe causar aborrecimentos ou o colocarem em uma situação delicada do ponto de vista institucional. Mas não basta evitar aborrecimentos, são necessárias razões positivas, de ser bem sucedido. A construção do conhecimento é, uma busca constante, conquistada pela pesquisa participativa de docentes e alunos em uma relação dialógica.

Por isso, a proposta de uma metodologia assentada num ensino com pesquisa, em uma abordagem progressista, torna-se uma proposta relevante que a sociedade hoje exige.

Através dos resultados do estudo, observa-se que o professor tende a resistir à mudança progressista. É preciso rever, radical e progressivamente, portanto, o papel do

professor na sociedade, a valorizá-lo, proporcionando-lhe formação adequada e inserção digna no mercado, resgatar sua auto-estima. E também é vítima do sistema, seja em termos de formação insatisfatória, desvalorização salarial flagrante e muitas vezes social e para que isso aconteça, o professor precisa se qualificar, não ser acomodado e não seja resistente à mudanças.

Devemos assumir que estamos em uma nova situação de ensino e devemos refletir sobre as mudanças que ora se apresentam e não contrariá-las.

Referência bibliográfica

APPLE, Michel. **Conhecimento oficial**: a educação democrática numa era conservadora. Petropolis: Vozes, 1977.

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor**: o cotidiano da escola. Petropolis: Vozes, 1993.

BEHRENS, Marilda. **Quadros das tendências pedagógicas**. 1998. (mimeo)

_____. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Chamapagnat, 1996.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1994.

_____. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez 1996.

_____. **Conhecimento moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Ironias da educação**: mudança e contos sobre mudança. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). **Formação continuada e gestão da educação**: São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Modelo e ousadia**: O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e competitividade**: desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 1997.

NÓVOA, António (Coord). **Profissão professor**. Porto: LDA, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1996.

_____. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

_____. **Avaliação: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SACRISTAN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHON, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.